

## ESTUDO DOS ANTROPÔNIMOS GUINEENSES: VALORES LINGUÍSTICOS-CULTURAIS

Janifer Nunes da Fonseca<sup>1</sup>  
Léia Cruz de Menezes Rodrigues<sup>2</sup>

### Resumo

A antroponímia é uma área da onomástica denominada ciência dos nomes, que se preocupa apenas com nomes próprios das pessoas, ou seja, prenomes e sobrenomes (TOMÁS, 2019). Assim este trabalho visa investigar o processo de formação de antropônimos no contexto guineense quanto às fontes de influência deles: língua bissauguineense, línguas étnicas, línguas estrangeiras, língua portuguesa, religiosidade e aspectos subjetivos. Adotou-se abordagem qualitativa e quantitativa. Nosso *corpus* foi constituído de nomes próprios constantes nas listas de candidatos guineenses inscritos a dois Processos Seletivos de Estudantes Estrangeiros aos Cursos de Graduação da Unilab (2019 e 2020). Selecionamos, para discussão de valores linguísticos-culturais, alguns nomes para análise qualitativa empreendida neste artigo. Observamos a predominância de nomes procedentes da língua portuguesa; seguidos de nomes procedentes de línguas étnicas guineenses, seguidos de nomes oriundos da religião Mulçumana. Visto que “nomear” é construir realidades e demarcar identidades, esse estudo suscita reflexão acerca da influência da língua portuguesa, e conseqüentemente dos valores dos povos nativos dessa língua, na cultura guineense.

**Palavras-chave:** antroponímia; valores linguísticos-culturais; Guiné-Bissau.

### Abstract

Anthroponymy is an area of onomastics called science of names, which is concerned only with people's proper names, i.e., prenames and surnames (TOMÁS, 2019). This work aims to investigate the process of formation of anthroponyms in the Guinean context, and the sources of their influence, such as: Bissau-Guinean language, ethnic languages, foreign languages, Portuguese language, religiosity and subjective aspects. In terms of methodology, a qualitative and quantitative approach was adopted. Our corpus was composed of first names contained in the lists of Guinean candidates enrolled in two Admission Processes for Foreign Students to Unilab's Undergraduate Courses (2019 and 2020). For discussion of linguistic-cultural values, we selected 12 names for qualitative analysis undertaken in this article. We observed the predominance of names coming from the Portuguese language; followed by names coming from Guinean ethnic languages,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Redenção-Ceará. E-mail: [janifer2017nunes@gmail.com](mailto:janifer2017nunes@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora. Dra. em Linguística. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Redenção-Ceará. E-mail: [leiamenezes@unilab.edu.br](mailto:leiamenezes@unilab.edu.br)

followed by names originating from the Muslim religion. Since “naming” is to construct realities and demarcate identities, this study raises reflection about the influence of the Portuguese language, and consequently of the values of the native people of this language, in the Guinean culture.

**Keywords:** anthroponymy; linguistic-cultural values; Guinea-Bissau.

## 1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho, denominado estudo dos antropônimos guineenses: valores linguísticos-culturais, no qual há poucos estudos sobre esse assunto no contexto guineense, dentre os estudos feitos, podemos destacar o estudo de Couto e Embaló (2010) que conta com um tópico sobre esse assunto, e de Ié (2021), que aborda Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau. A Guiné-Bissau é um país territorialmente pequeno, mas muito rico em questões linguísticas e culturais; neste sentido, pretende-se aqui investigar o processo de formação de antropônimos no contexto guineense quanto às fontes de influência deles: língua bissau-guineense, línguas étnicas, línguas estrangeiras, língua portuguesa, religiosidade e aspectos subjetivos no atual contexto do povo Bissau-guineense.

Assim, o trabalho versa sobre o nome próprio: o significado, a origem e o contexto de atribuição do nome próprio. Como é sabido, o nome próprio exprime diversos significados – desde a expectativa dos pais quanto ao nascimento de uma criança (no Brasil, menina nomeada de “Vitória” ou de “Anunciada”, por exemplo), perpassando valores familiares (nomes como “Maria Aparecida” ou “Maria Marta”, que no Brasil remetem à religiosidade Católica) e referências midiáticas de grande repercussão e aceitação (caso de meninos que foram nomeados de “Lúcifer”, no Brasil, em decorrência de seriado norte-americano). Visto ser a Guiné-Bissau ex-colônia de Portugal e ser a língua portuguesa oficial no país, como os valores desta língua e destes povos (portugueses e brasileiros) perpassam a onomástica Bissau-Guineense? Eis nossa primeira pergunta de base.

Para realização deste estudo, empreendemos leituras que abordam o fenômeno da antroponímia, bem como estudos linguísticos-culturais que tomam como objeto Guiné-Bissau, e analisamos a formação de nomes próprios guineenses. A fim de que possa haver

uma visão geral da Guiné-Bissau – sua história e multiplicidade linguística – segue contextualização da realidade Bissau-guineense.

A República da Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental da África, com superfície total de 36.125 km<sup>2</sup>, faz fronteira com o Senegal ao norte e com o Guiné-Conacri ao sul e a oeste é banhado pelo oceano atlântico. Foi a primeira colônia africana de Portugal a se tornar um país independente, em 24 de setembro de 1973, depois de cinco séculos da invasão portuguesa e 11 anos de luta armada de libertação, dirigido pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo-verde).

No entanto, essa independência só foi reconhecida por Portugal, em 10 de setembro de 1974. Em 2020, segundo o censo a população total do país é de 1.624.945 habitantes. Há mais de duas dezenas de línguas étnicas no país. Após a independência, a Guiné-Bissau adotou a língua portuguesa como a língua oficial, que é dita língua de ensino, de cultura e de comunicação internacional. A língua portuguesa é a materna de insignificante percentagem da população, não é língua de comunicação nacional. Segundo o Censo (2009), a língua portuguesa é falada apenas por 27,1% dos guineenses. A maioria da população tem a língua portuguesa como língua adicional, pois essa ordem de aprendizagem pode variar bastante a depender do indivíduo.

A Guiné-Bissau tem um clima quente e úmido, com duas estações: a estação seca e a estação das chuvas. A estação da seca começa aproximadamente entre o mês de dezembro e abril, já a chuva começa normalmente na metade de maio, até novembro. Etnologicamente a palavra *Bissau*, que é atual capital da Guiné-Bissau, deriva do *Bisasu* (*plural de palavra Insasu*), um clã pepel. Após da chegada dos portugueses na zona da costa ocidental da África, o interesse em fixar entrepostos em território pepel fez que os Portugueses nomeassem a capital de Bissau (PINTO, 2009).

Segundo Embalo (2008), a *língua franca* é a língua bissau guineense, é a língua da comunicação entre diferentes línguas étnicas, por isso ser chamada de língua de unidade nacional, ou só de língua nacional. A língua Bissau guineense, segundo o censo (2009) é língua mais falada pela população de nacionalidade guineense corresponde 90,4%, sendo bissau guineense a língua materna. Ela não é língua oficial do país, mas é língua do dia a dia, também é usada na comunicação oral nas instituições públicas, em alguns discursos oficiais e até nos debates da Assembleia Nacional. Mesmo assim, não é língua de ensino, mas os docentes recorrem a essa língua para explicar os conteúdos escolares, caso os alunos não compreenderem a explicação feita na língua de ensino.

Como se pode perceber, a língua bissau-guineense e a língua portuguesa nem são as línguas maternas de muitos guineenses. As línguas africanas (cuja origem pertence às línguas nígero-congolesas) são as maternas de diferentes comunidades; por meio delas, tais comunidades estabelecem comunicação, transmitindo os conhecimentos ancestrais, as tradições e as identidades comunitárias. Na Guiné-Bissau, as línguas étnicas com maior número de falante são a balanta, a mandinga, a fula e a pepel (EMBALO, 2008).

Visto haver uma riqueza linguístico-cultural ímpar em Guiné-Bissau, como essa riqueza se reflete na onomástica bissau-guineense, resistindo, assim, à oficialização de uma língua no ensino que é estranha ao cotidiano de muitos bissaus-guineenses? Eis nossa segunda pergunta de base.

Além desta introdução e da conclusão, este trabalho está estruturado em três partes: *Valores que identificam Guiné-Bissau* (valores linguísticos-culturais-étnicos); *Estudos dos antropônimos: características e tipologia*; *Estudo de antroponímicos guineenses*; *Análise de nomes próprios guineenses: metodologia e análise*.

## **2. PARA ENTENDER O NOMEAR É PRECISO COMPREENDER A HISTÓRIA DE UM POVO**

No pequeno território bissau-guineense são faladas aproximadamente 20 línguas, lembrando que, muitas delas não pertencem à mesma família, outras são vistas como dialetos que originaram diferentes línguas ou como dialetos da mesma língua. Essas línguas convivem com a língua bissau guineense, língua veicular e da unidade nacional, bem com o português, que é a língua oficial do país. A língua bissau guineense e a de unidade nacional são resultados da época colonial.

Segundo censo realizado em 2020, para uma população total de 1.624.945 habitantes. o Couto e Embalo (2010), trazem o seguinte mapeamento das línguas faladas em Guiné-Bissau: fula conta com 20,4% (245.130 falantes); balanta 30,5% (36. 000 falantes); mandinga, 12,9% (154. 200 falantes); mandjaco, 14,1% (170.230 falantes); pepel, 10,4% (125.550 falantes); fulup,1,8% (22.000 falantes); biafada, 3,4% (41.420 falantes); bijagó, 2,3% (27.575 falantes); mancanhi, 3,4% (40.855 falantes) e nalu, 0,6% (850 falantes).

As dez (10) línguas mencionadas acima, incluindo a língua nacional e a língua portuguesa, não são as únicas línguas faladas no território de Guiné-Bissau, pois há outras, com um número bem pequeno de falantes: o bayote, o banhum, o badyara (pajadinca), o cobiana, o nalu, o cunante, o cassanga (já praticamente desaparecido), o wolof, o francês, o inglês etc. A língua francesa se encontra presente nesse território devido às fronteiras entre Guiné-Bissau, Senegal e a Guiné-Conacri. Vale ainda ressaltar que esses dois países também são multilíngues, como é o caso de Senegal, que tem a língua wolof como a língua nacional e a língua francesa como a língua do estado.

Podemos afirmar que a língua bissau guineense e a língua portuguesa, desde o início da colonização, estão em interrelação, ou seja, há um *continuum*: das variedades do português lusitano, passando por processos de variação de crioulo aportuguesado e crioulo tradicional, até as línguas nativas, étnicas. Essa interrelação é visualizável no esquema encontrado em Couto e Embaló (2010, p.31), que, a seguir, reproduzimos:



No que tange à religiosidade, a Guiné-Bissau é um estado laico, no qual convivem muçulmanos, católicos, evangélicos e praticantes de religiões tradicionais (SEMEDO, 2010). O anismo é a religiosidade de 45% da população de Guiné-Bissau, cuja crença é caracterizada pelos cultos aos antepassados e pela aceitação do poder dos espíritos ancestrais. Cerca de 38% são fiéis ao islamismo (com destaque para os cidadãos das etnias fulas, mandingas, biafadas). O cristianismo corresponde à fé de 8% do bissau guineense, conforme Augel (2007; *apud* Mendes 2017). Já para Sami (2009), os adeptos da religião animistas equivalem a 50%, os do islamismo corresponde a 31% e os do cristianismo a cerca de 19% dos que se afirmam religiosos.

Para estudarmos nomes próprios de pessoas na realidade de Guiné-Bissau, é preciso compreender os processos de colonização vivenciados pelos guineenses; e estes perpassam a instância da religião. As religiões Mulçumana e Católica representam duas forças distintas, de dois intensos processos de colonização:

A maciça islamização que ocorreu na África ocidental entre os séculos XVIII e XIX, cujo fim coincidiu com a invasão europeia da região, teve uma maior adesão popular e interferiu diretamente na configuração social e territorial dos estados e regiões envolvidos nessa luta. Os principais personagens dessa revolução islâmica (BATRAM, 2010, p.619 - 640) foram os Fulas. Esses, eram os principais interessados na expansão islâmica pela região, pois viviam constantemente em situação humilhante (BATRAM, 2010, p.619 – 640). Por serem pastores e não possuírem território fixo eram obrigados a pagarem altas taxas em impostos. Com a chegada dos portugueses no território guineense, após a partilha, os islâmicos passaram a ter concorrentes de peso no processo de dominação dos povos da região. A expansão islâmica sofreu um recuo. [...] Com o golpe do Estado Novo e com a conseqüente ascensão de Salazar ao poder, a política colonial adquire atenção especial. “A igreja católica assumiu um papel central no projeto ideológico e sociopolítico do Estado Novo” (SIMPSOM, 2012, p. 89). (MAIA, 2016, p. 148)

Com a chegada dos padres/irmãs católicos/as na Guiné-Bissau, cuja nacionalidade é estrangeira, muitas crianças passaram a receber nomes estrangeiros, dadas as relações estabelecidas entre guineenses e esses representantes religiosos. Se os pais são adeptos da religião cristã (a dos colonizadores portugueses) ou da religião mulçumana (presente na Guiné-Bissau antes da chegada dos colonizadores portugueses), a escolha do nome dos filhos perpassará essa tomada de decisão religiosa-política. A mídia e o valor concedido a uma língua estrangeira (e no bojo dela, inevitavelmente, os seus valores, independentemente de relações travadas com pessoas de dada nacionalidade) também são fontes para escolha de antropônimos.

Outro fator, que não será aqui alvo de investigação pelas dimensões de tempo e espaço de um TCC, mas que muito nos interessa estudar, concerne à migração contemporânea Guiné-Bissau – Brasil, dadas as políticas governamentais brasileiras de fomento a vagas em universidade públicas brasileiras para guineenses. Estudantes guineenses, na realidade da Unilab (universidade federal localizada na cidade de Redenção, no estado do Ceará), estão constituindo famílias bissau-guineenses brasileiras – alguns deram aos filhos nomes brasileiros; outros optaram por nomes que marcam,

claramente, a ascendência guineense – essas escolhas demarcam identidades ancestrais ou as deixa menos evidente, em nome da construção de uma nova identidade.

A seguir, categorizamos alguns dos nomes de guineenses inscritos a processos seletivos de discentes internacionais aos cursos de graduação da Unilab<sup>3</sup>, para efeito de exemplificação do que aqui estamos discutindo:

**Quadro: Nomes próprios das pessoas que não pertencem línguas local.**

Influência da religião cristã	Influência da língua portuguesa	Influência da religião muçulmana	Influência de línguas estrangeiras (inglês e francês)
Noé	Ana Maria	Braima	Jennifer
Maria	Erasmus	Mariama	Kelvin
Jesus	Jair	Alassana	Kenedy
Moisés	Josefina	Issa	William
Abrão	Leandro	Mussa	Wilson
Mateus	Leia	Sene	Lourdes
Adão	Marcelo	Saliu	Pablo
Emanuel	Maristela	Idrissa	Pier
Eva	Zaida	Amadú	Richard
Gabriel	Zeca	Ussai	Rino

*Fonte: Elaborada pela autora*

Passemos, no tópico seguinte, à caracterização da área conhecida como Antroponímia: sua proposta e objetivo.

<sup>3</sup> As listas que constituíram nosso *corpus* de pesquisa estão disponíveis no site da Unilab: <https://unilab.edu.br/processo-seletivo/selecao-de-estrangeiros/>. Trabalhamos com duas listas, a seleção de tais foi aleatória: **Edital nº 01/2019, de 22 de março de 2019** Guiné-Bissau - Candidatos com inscrições deferidas. Páginas 35-75. (2226 guineenses inscritos). Disponível em <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/03/Inscri%C3%A7%C3%B5es-Deferidas-e-Indeferidas-PSEE-2019.pdf>. Acessado em 20 de julho de 2022. **Edital do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros 2020, de 17 de janeiro de 2020.** Disponível em: <http://selest.unilab.edu.br/documentos/4126145792b591c16557db3c9b35f7ae.PDF>. Acessado em 20 de julho de 2022. (1.762 guineenses inscritos).

### 3. ESTUDO DOS ANTROPÔNIMOS: CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIA

A palavra *antroponímia* origina-se do grego: *anthropo* significa homem; *nymia* significa nome. Em termos gerais, a palavra se refere aos *nomes próprios, sobrenomes e apelidos* utilizados para se diferenciar um indivíduo do outro. Possuir um nome próprio quer dizer ser alguém com qualidades próprias ou individuais distintas do outro. Para além da qualidade que concede ao indivíduo, o nome também pode caracterizar a forma que a família se apresenta dentro da sociedade ou a sua própria personalidade/identidades. A antroponímia é uma área da onomástica denominada *ciência dos nomes*, que adota como objeto de estudo os nomes próprios de pessoas (TOMÁS, 2019).

O termo antroponímia foi utilizado pela primeira vez na língua portuguesa por Leite de Vasconcellos, na revista Lusitana em 1887. Designou a antroponímia como estudo dos nomes individuais, como os sobrenomes e apelidos (VASCONCELLOS, 1887, p. 45 *apud* THOMAS, 2019). Segundo Carreira e Quintino (1964, p. 17), citado por Tomás (2019), Vasconcellos, ao utilizar a expressão antroponímia pela primeira vez em língua portuguesa, concedeu-lhe uma expressão autônoma como ramo da onomatologia. De acordo com esses autores, a própria onomatologia é a parte da glotologia, e era conhecida sob denominação genérica de onomástica (do grego *onomaso*, que quer dizer chamar). A própria onomástica era compreendida por tudo o que servia para *chamar*; com passar do tempo, o termo restringiu-se aos estudos dos nomes próprios de pessoas. Os estudos antroponímicos são fundamentais para a compreensão lexical de uma língua, pois evidenciam como o léxico se organiza em forma e sentido:

O léxico de uma língua tem na sua base uma carga de junção de palavras que constituem um sentido, que pode ser fundamentada com a seguinte expressão que cabe integralmente no que se disse anteriormente: “Todo o léxico de uma língua é organizável a partir de leis estruturais, pois, o léxico não é simples aglomerado de vocábulos isolados e sim um sistema formado de unidades significativas” (COSTA, 2013, p. 4; *apud* TOMAS, 2019, p. 46.).

Como destaca Tomás (2019), para estudar antropônimos, é preciso considerar as línguas locais, a cultura, costumes e hábitos de cada povo em diferentes espaços territoriais. Esse é um desafio particularmente instigante em uma realidade multilíngue

como a de Guiné-Bissau, com mais de 20 línguas étnicas, além da língua nacional e da língua oficial (língua do ensino/documentos oficiais). Concordamos com autor citado, que assim expressa:

A antroponímia de um povo é muito importante, na medida em que permite esclarecer os fatores históricos que estiveram na base no surgimento dos primeiros antropónimos de uma sociedade, bem como os novos e os que por alguns motivos desapareceram numa determinada sociedade (TOMÁS, 2019, p. 49).

Na Guiné-Bissau, cada nome dado a um indivíduo nas línguas étnicas ou nacional tem o seu próprio significado, que remete a valores étnicos ancestrais e remetem à cultura e à história de um povo. Após a independência na Guiné-Bissau, muitos pais deram aos seus filhos nome como *Abraão, Moisés, Adolfo, Aguinaldo, Ailton, Camila/o, Ana Maria, Maria Augusta*, cientes ou não dos significados, só porque são ditos “nomes dos civilizados”. No passado, os nomes prontamente remetiam a uma etnia; atualmente, na Guiné-Bissau, é difícil identificar uma pessoa por sua etnia a partir de seu nome próprio.

Nomes próprios étnicos estão relacionados à família ou à sociedade em que a criança nasce; por exemplo: se uma criança nasce numa tabanca em que a mãe, ou seja, a família, está passando por dificuldade, a família dá à criança o nome de *Esperança*; outro caso: se a mãe, quando não há tranquilidade na casa de uma mulher que está grávida, a criança, ao nascer, recebe o nome de *Nsufri* (consolo ou conforto).

O nome próprio, às vezes, refere-se a vultos históricos, personagens bíblicos ou personalidades contemporâneas. A forma de denominar própria do povo balanta, por sua vez, está relacionada a acontecimentos do dia- dia. A criança que nasce *a caminho da maternidade*, na língua pepel, recebe o nome de M’pilgov. O nome próprio pode marcar o sexo da criança, que poderá ser chamada de “Matchu” ou “Homi” (macho ou homem, em língua portuguesa). Os nomes “Matchu” ou “Homi são dados ao um bebê se a mãe só tem filhas, marcando, assim, a importância do nascimento de um homem na família.

Os nomes têm potência; portanto, atribuir nome a um indivíduo é conceder-lhe uma marca identitária. Em Guiné-Bissau, os indivíduos buscam comportar-se conforme o nome próprio recebido; e a sociedade assim espera encontrar essa correspondência entre *significado do nome e comportamento*. Se o nome próprio for *Amizade*, que significa

afeto, carinho ou estima entre duas pessoas, espera-se que a personalidade reflita os valores de uma pessoa afetuosa, fraterna, leal. Concordamos com Tomás (2019):

Os antropónimos fazem parte do subsistema lexical de cada língua e por meio deles é possível fazer-se um estudo ou explicar a origem linguística de muitos indivíduos. O nome completa a pessoa, exerce uma função de explicar a natureza própria de um determinado ser social, a sua realidade e *pode também constituir a descoberta da sua interioridade* (MATIAS, 2017, apud TOMÁS, 2019, p. 49, grifo nosso).

Outra característica dos nomes próprios, concerne ao não-pertencimento deles a uma classe gramatical específica; por exemplo: o nome *Flor* (nome próprio feminino encontrado no Brasil) é um substantivo comum, mas, quando grafado com letra inicial maiúscula, pode ser registrado em cartório como nome próprio; o mesmo ocorre com adjetivos como *Clara* e *Linda*. Assim, estudar nomes próprios é tomar como objeto de análise uma classe heterogênea. Como diz Amaral e Seide (2020):

Os nomes próprios são unidades linguísticas desprovidas de traços semânticos identificadores de classe, que fazem parte do repertório linguístico do falante, possibilitando-lhe fazer referência a uma entidade única em um universo de conhecimento. Em textos escritos, possuem como marca gráfica a maiúscula inicial (AMARAL; SEIDE, 2020, p.57).

Dada a heterogeneidade dos nomes próprios, Amaral (2011) estabelece uma divisão entre *ortônimos* e *alônimos*. O *ortônimo* (junção do grego *ort(o)*- correto, normal - e *ónoma* – nome de uma pessoa) concerne ao *nome civil completo*. Esse é o nome que consta no registro civil; composto por *prenome* e *sobrenome*.

O prenome, ou primeiro nome, é o antropônimo que antecipa o sobrenome. O sobrenome é o antropônimo que vem depois do prenome - é a identificação da família da qual a criança é parte ou, como ocorre em Guiné-Bissau, do nome do pai. Como vemos nos exemplos a seguir, retirados de nosso *corpus* de pesquisa:

1) **Besna Fernando Infangú**

Prenome – Besna / Sobrenome- 1 (nome do pai) Fernando /Sobrenome -2 Infangú

## 2) **Besna Indemi**

Prenome – Besna / Sobrenome- Indemi

Os alônimos, por sua vez, dizem respeito aos nomes de pessoa que não estão no registro civil. Os alônimos são compostos por um grupo diferente dos antropônimos, como hipocorísticos, apelido ou alcunha, pseudônimos e codinome, heterônimo, nome artístico (nome de palco e nome de guerra). Dentro do grupo dos alônimos, discutiremos o *hipocorístico*, tendo em vista o modo como eles atuam em Guiné-Bissau.

O hipocorístico é palavra oriunda de um nome próprio, utilizado por pessoas próxima ao indivíduo, normalmente parentes ou amigos. O hipocorístico é, em muitos casos, unidade formada por uma alteração morfológica no nome civil, que passa por um processo de abreviação ou anexação de um sufixo indicativo de diminutivo ou aumentativo; no Brasil, por exemplo, é comum que meninas cujos prenomes são *Gabriela, Patrícia, Rafaela* sejam chamadas de *Gaby, Paty* e *Rafa* (abreviações) ou de *Rafinha* (anexação de marca mórfica de diminutivo); por sua vez, meninos cujos prenomes são *Leonardo, Ricardo, Alessandro, Rodrigo, Carlos Eduardo*, sejam chamados de *Leo, Rico, Alê, Driguinho* e *Cadu* (interessante notar que “Cadu” é uma composição vocabular, não apenas uma abreviação, pois dois prenomes se unem e formam um hipocorístico em um processo de composição vocabular). Essas formações vocabulares a partir de prenomes indicam intimidade, afeto, informalidade – não é esperado que um cerimonialista convide um palestrante para compor uma mesa de discussões em um Congresso Acadêmico anunciado algo do tipo “Convidamos o Professor Dr. Driguinho Ordine”. Na língua bissau-guineense, há meninas cujo prenome é *Pequena*; carinhosamente, são chamadas de *Pequenote* (o *-ote* é um sufixo, que coloca em relevo a ideia de “pequeno”, destacando-o).

Destacamos que hipocorístico é diferente de apelido. O apelido não necessariamente deriva do nome próprio do indivíduo. Assim, por exemplo, no Brasil, registramos o caso de um homem adulto que por todos é chamado de *Neném* e um outro conhecido como *Pressão*. O primeiro apelido é decorrente de pai e filho exercerem o mesmo ofício – carpintaria; as pessoas assim o chamam para traçar diferença entre ele (o filho do carpinteiro) e o pai; o segundo apelido é decorrente da reputação de educador

físico, cujo trabalho se caracteriza pelo rigor dos treinos e disciplina para alcançar resultados satisfatórios; por isso *Pressão*.

Passemos à análise de nomes próprios guineenses a partir da metodologia e do *corpus* deste estudo.

#### 4. ANÁLISE DE NOMES PRÓPRIOS GUINEENSES: METODOLOGIA E ANÁLISE

Há poucos estudos sobre a antroponímia no contexto guineense; dentre os estudos feitos, podemos destacar o realizado por Couto e Embaló (2010), que conta com um tópico sobre esse assunto, e o de Ié (2021), que aborda Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau.

Algo que nos chama especial atenção diz respeito ao fato de ser bastante comum na Guiné-Bissau um indivíduo ter dois nomes: *nome da escola* (o que consta nos documentos oficiais, registrado) e *nome de casa*. O nome de casa pode ser oriundo das línguas étnicas, de línguas estrangeiras, da língua-portuguesa (língua oficial) e da bissau-guineense. Os nomes de casa (apelidos) são usados nas tabancas, nos bairros e nas cidades (COUTO; EMBALO, 2010). Citamos aqui alguns exemplos:

Nome de escola	Nome de casa
Jennifer <sup>4</sup>	Djabi
Ivanilda	Tininha
Laércio	Etchu
Geralda	Célia
Soazilene	Tinha

*Fonte: Elaborada pela autora*

---

<sup>4</sup> O primeiro exemplo me identifica oficialmente e familiarmente: meu nome oficial é *Janifer*; meu nome de casa é *Djabi* - esse último é alusivo à religião de minha mãe – Mulçumana. Os demais exemplos são de minha vivência como nativa bissau-guineense, das pessoas no meu entorno sociofamiliar.

Conforme Ié (2021), os nomes próprios de pessoas e de lugares são mais que uma mera identificação, são registros de acontecimentos, de homenagens, de votos de proteção, de pertencimento; são registros do cotidiano, manifestos em atitudes e posturas sociais que escapariam às gerações futuras se não fossem oficializadas na forma de antropônimos e topônimos.

Para realização do presente trabalho, utilizamos duas listagens contendo nomes de guineenses inscritos no processo de seleção para ingresso nos cursos de graduação da Unilab (2019 e 2020). As Listagens estão disponíveis no site da Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais da instituição (Prointer-Unilab). Nossa primeira atividade foi catalogar os nomes conforme expressam valores linguísticos-culturais, religiosos, étnicos e subjetivos.

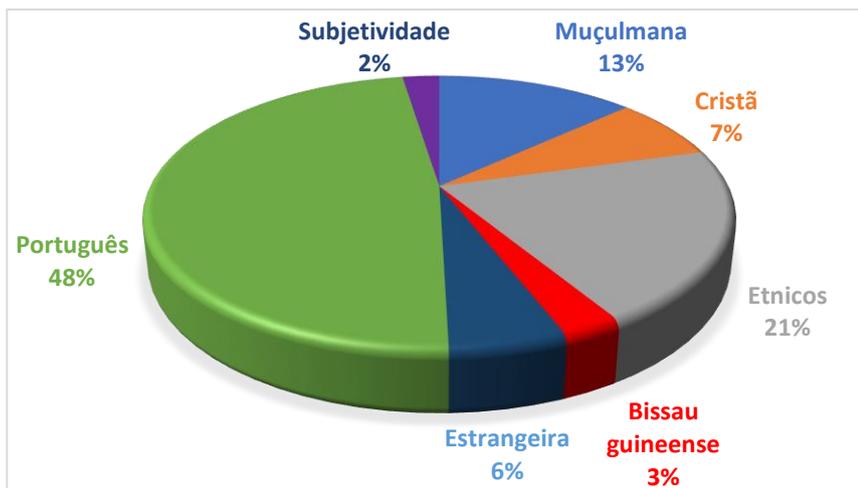
Para essa etapa de pesquisa, fizemos um recorte: trabalhamos exclusivamente com *prenomes*. Como os prenomes se repetem nas listagens e, claro, até numa mesma listagem (a título de exemplo, citamos o prenome *Mamadu* – 36 ocorrências – 23 em uma listagem e 13 em outra), registramos uma ocorrência de cada nome; excluindo as repetições; assim, trabalhamos com 1.386 nomes próprios de pessoas.

Embora eu seja nativa bissau guineense, tendo residido no país a vida toda, procedi também ao diálogo com minhas/meus colegas de Guiné-Bissau que estão, assim como eu, realizando formação acadêmica na Unilab-Ceará; a fim de compartilhar (e testar) a compreensão de significados e origens de nomes próprios de nosso povo.

Seguem dados quantitativos da pesquisa.

Como já foi mencionado, neste trabalho consultamos duas listagens de resultados de inscrições de guineenses aos cursos ofertados pela Unilab. Fizemos a seguinte leitura, em termos quantitativos, desse material: a religião muçulmana reflete-se em 108 prenomes; as religiões ditas de origem cristã se fazem presentes em 61 prenomes; línguas étnicas são a base para 170 prenomes; a língua bissau guineense embasa 23 prenomes; línguas estrangeiras fazem-se notar em 45 prenomes; a língua portuguesa faz-se notar em 394 prenomes; referências subjetivas, como a indicação de uma expectativa familiar em torno da predileção por um filho, faz-se notar em 20 prenomes. O gráfico a seguir apresenta os dados mencionados no formato imagético.

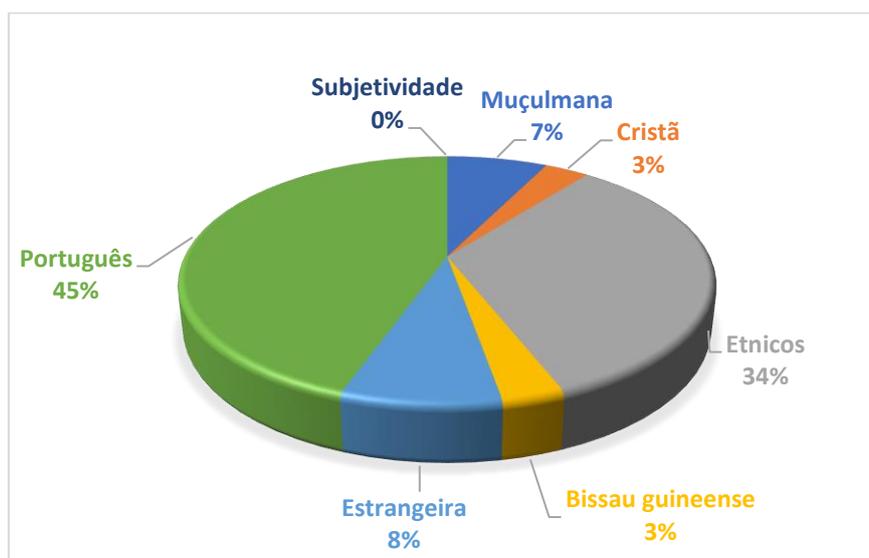
#### **Gráfico 1- percentagem dos nomes da primeira lista**



Fonte: elaborado pela autora

Em relação à segunda listagem, observamos o seguinte: a religião muçulmana reflete-se em 41 prenomes; as religiões ditas de origem cristã se fazem presentes em 18 prenomes; línguas étnicas são a base para 188 prenomes; a língua bissau guineense embasa 18 prenomes; línguas estrangeiras fazem-se notar em 46 prenomes; a língua portuguesa faz-se notar em 248 prenomes; referências subjetivas, não foram encontradas. O gráfico a seguir apresenta os dados mencionados no formato imagético.

**Gráfico 2- percentagem dos nomes da segunda lista**



Fonte: elaborado pela autora

Em termos quantitativos, a língua portuguesa se mostrou referência destacada para os prenomes; em dados brutos, computando as duas listagens, totalizam 642 nomes próprios. Por sua vez, as línguas étnicas se fizeram notar como referência para 358 nomes. Escolhemos aqui traçar apenas esse paralelo entre os dados, pois ele aponta para uma desvalorização das línguas étnicas – um reflexo de séculos de dominação portuguesa.

A seguir, escolhemos alguns prenomes de uma forma aleatória para análise qualitativa

#### ***4.1. A influência religiosa em prenomes guineenses***

A influência de duas correntes de pensamento religioso se faz notar nos prenomes guineenses: nomeadamente religião cristã e a muçumana. Exemplos de nomes que remetem à tradição dita cristã: *Adão* Correia Có, *Abrão* Kabi, *Gabriel* Cá, *David* na N’Ghassé, *Jacó* Imbum Bol, Ismael Turé, *Emanuel* Armando Djú e *Benjamim* Adjuquim Indi. Exemplos de nomes que remetem à tradição islâmica: *Adama* (Adão), *Issa* (Jesus), *Ibraihn* (Abraão), *Daúda* (David), *Youssuf* (José), *Mariama*<sup>5</sup> (Maria), *Idrissa* (Isaque), *Sulaimane* (Salomão).

#### ***4.2. A influência étnica em prenomes guineenses***

##### *4.2.1 Exemplos de Prenomes da etnia Pepel*

**Bonandje:** indica que a criança nasceu em tempos de dificuldades.<sup>6</sup>

**Ndjnunani:** estou perdido ou estou em desgraça.<sup>7</sup>

**Aribe:** está vindo.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Destacamos a recorrência de **MARIAMA** em nosso corpus: MARIAMA AREGADO MANTENQUE / MARIAMA BALDÉ / MARIAMA BARI / MARIAMA CAMARÁ / MARIAMA CANDÉ / MARIAMA INJAI / MARIAMA MAMADÚ SAMBÚ/ MARIAMA NANQUE / MARIAMA TECANHE

<sup>6</sup> Nome constante no nosso corpus: **BONANDJE** CÁ

<sup>7</sup> Nome constante no nosso corpus: **NDJINUNANI** NAPOLEÃO OLIVEIRA BIAGUÊ

<sup>8</sup> Nome constante no nosso corpus: **ARIBE** DOMINA INTOR

**M”pilgov:** menina ou menino do mato - pode ser que a mãe estava caminhando no mato, de repente começou a contração e conseguiu parir no mato.<sup>9</sup>

#### 4.2.2 Exemplos de Prenomes da etnia Balanta

**Alanã:** corresponde a uma indagação “quem quer?” (em bissau guineense -kim cu misty?) Muita das vezes, indica o desejo da família por um MENINO; ao parir novamente, na esperança de ter um menino, a mãe nomeia a menina que nasceu – mais uma menina – de Alanã.<sup>10</sup>

**Besna:** corresponde à ideia de “me expulsaram”. (em bissau-guineense - bo cercam). Esse nome é dado muitas das vezes por motivo de conflito na família, ou seja, entre marido e mulher, quando a criança nasce recebe este nome, que assinala o conflito entre os pais).

11

**Pansau:** indica que a aldeia desmoronou por causa de uma desgraça (em bissau-guineense- sau: casa (também pronunciado “caba”).<sup>12</sup>

**Windjaba:** corresponde a uma indagação “o que eu fiz com vocês?” (em bissau-guineense- ké cun nfaci bos?). É um registro dos maus tratos que a mãe está sofrendo no seu casamento ou na família).<sup>13</sup>

**Biossum:** corresponde a “parem de falar de mim, de se meter na minha vida”. (em bissau-guineense- bio: param ou ficam, ssun: boca (boh ficam ou param boca). Registro materno de como essa mãe se sente importunada. Diz respeito à relação da mulher com a família do marido.<sup>14</sup>

**Midana:** corresponde a “sofrimento”. Demarca haver problemas entre a família do pai e a da mãe ou problemas no casamento. <sup>15</sup>

---

<sup>9</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **M” PILGOV FRANCISCO ANTÓNIO NA N” DALNA DA COSTA.**

<sup>10</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **ALANÃ CUSNA AQUITE.**

<sup>11</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **BESNA ALICE ANDRÉ BISSAILÉ**

<sup>12</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **PANSAU RENGNA NAGLETCHA.**

<sup>13</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **WINDJABA WAGNA SAMBÚ.**

<sup>14</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **BIOSSUM NTCHAMA.**

<sup>15</sup> Registramos a recorrência deste prenome em nosso *corpus*: **MIDANA AUGUSTO VAZ; MIDANA DJU; MIDANA DOMINGOS NHANQUE; MIDANA GOMES; MIDANA PAULINO IMBUNDE.**

**Lifna:** significa “reconciliação”. Quando há problemas na família ou entre os pais; para resolver os problemas é preciso se sentar e conversar. Esse desejo de ultrapassar os problemas com diálogo está presente nesse prenome.<sup>16</sup>

**Fondé:** significa bonito(a).<sup>17</sup>

**Fó:** significa “circuncisão”. (em Bissau-guineense- fanadu.)<sup>18</sup>

#### 4.2.3 Exemplos de Prenomes da etnia Mancanhi

**Banuma:** Significa “precisam de você” (em bissau guineense – e precisa di bó)<sup>19</sup>.

**Inuira:** Significa “você é bonita” (em bissau guineense - bu bonita)<sup>20</sup>.

**Nacalian:** Significa “me aceitavam” (em bissau guineense - bo setam ba ou bo tenen ba)<sup>21</sup>.

**Namaca:** Significa “estamos bem” (em bissau guineense - nó sta diritu ou nó casa sta diritu)<sup>22</sup>.

**Nhintcho:** Significa “sua fêmea” ou “sua mulher” (em bissau guineense - bu femia ou bu mindjer)<sup>23</sup>.

#### 4.2.4 Exemplos de Prenomes em línguas estrangeiras

O contato com europeus (a exemplo dos padres italianos) e o acesso ao conteúdo midiático de massa (novelas, filmes, séries, músicas, livros) influenciam muitas famílias a nomearem os seus filhos com nome estrangeira. Seguem exemplos de nosso *corpus*:

**CRISTOFER TCHERNO MENDES**

<sup>16</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **LIFNA NHANQUE**.

<sup>17</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **FONDÉ FERNANDO IMBALI**

<sup>18</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **FÓ FERNANDO NHAGA**

<sup>19</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **BANUMA NANQUE GOMES CÁ**.

<sup>20</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **INUIRA MARIANA BALDÉ**.

<sup>21</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **NACALIAN JOÃO NANCASSA QUADÉ**.

<sup>22</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **NAMACA ADIANA SOARES DA SILVA**.

<sup>23</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **NHINTCHO MÁRIO CÁ**.

EDITH UTRIGO MARTINS  
 GIOVANNE TIGANA SIMÕES DUARTE SANHÁ  
 HARRY GOMES FERNANDES CÁ  
 HELBLING FRANCISCO ADÃO LOPES  
 HERRY MANÉ  
 MAIKEL JOSÉ PEREIRA  
 MIKELLY MANUEL CESAR PINTO  
 ROLF VERNEI CÁ VIEIRA  
 ROSSY DA SILVA  
 WALTER CARLOS JOAQUIM

#### 4.2.5 Exemplos de Prenomes em língua portuguesa

Quando os portugueses chegaram na Guiné-Bissau, impuseram sua cultura, sua língua. Os nomes portugueses eram os *nomes dos civilizados*, daí a forte influência no país. São prenomes, portanto, que refletem a influência do colonizador; não correspondem às tradições africanas. Nosso estudo constatou o quanto os nomes em língua portuguesa são recorrentes. Seguem exemplos de nosso *corpus*:

FREDERICO MENDES  
 GERALDO GOMES CORREIA  
 SANDRA CARDOSO GASPARGOMES  
 JANDIRA CARLOS JOAQUIM, VALDIR CORREIA ALVES  
 JOÃO SILVANO FERNANDES LIMA  
 LUZIA GOMES OLIVEIRA

#### 4.2.6 Exemplos de Prenomes em língua Bissau Guineense

**Amison:** em português – unigênito ou único homem na família.<sup>24</sup>

**Coitade:** em português – pobreza ou coitado.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Nome constante no nosso *corpus*: AMISON NANQUE

<sup>25</sup> Nome constante no nosso *corpus*: COITADE LUIS SAMBU

**Elson:** em português – único (único filho da família ou único filho homem na família).<sup>26</sup>

**Home:** em português – homem (muita das vezes esse nome é dado quando os têm único filho homem).<sup>27</sup>

**Matcho:** em português – Macho ou homem. (Sempre a criança é dada esse nome quando a mãe só tem único filho homem ou é chamado esse nome no sentido da valentia).<sup>28</sup>

**Naterça:** em português – terça-feira. (Regularmente, a criança é dada esse nome quando nasce na terça-feira).<sup>29</sup>

**Pequenote/Pequenina:** em português - pequeno/a. (Às vezes, a criança recebe esse nome quando nasce com um peso menor, ou seja, quando nasce bem fraca).<sup>30</sup>

**Morto:** em português – Morte. (Frequentemente a criança recebe esse nome quando houve sucessivas morte dos filhos da mulher que acaba de dar à luz).<sup>31</sup>

**Pidrinho:** em português – Pedrinho. (O mais novo, o caçula).<sup>32</sup>

**Sufri:** em português - consolo ou conforto. (Às vezes a criança recebe esse nome quando a mãe passou por dificuldades quando estava grávida, ou seja, por sofrimento no seu lar).<sup>33</sup>

Na conclusão dessa seção de nosso artigo, destacamos *a expressão da subjetividade* nos prenomes guineenses, concedendo mais alguns exemplos dessa característica dos prenomes:

**Kaiushi Coridat:** em língua bissau guineense - *Ki cu Deus dau ka bu negal*. Em português “que seja a sua vontade”, “não pode rejeitar a vontade de Deus”.

<sup>26</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **ELSON DJATA**

<sup>27</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **HOME PAULO DA SILVA**

<sup>28</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **MATCHE NA NSAMBÉ/ MATCHO CÓ**

<sup>29</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **NATERÇA JOSÉ APECÓMARÉ SAMBÚ**

<sup>30</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **PEQUENOTE BARBOSA/ PEQUENINA VASCO CÁ**

<sup>31</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **MORTO INDI**

<sup>32</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **PIDRINHO CORREIA**

<sup>33</sup> Nome constante no nosso *corpus*: **SUFRI AUGUSTO KIASSE**

**Usiteri:** em língua bissau guineense - *Deus Obi Nha Misquinhu*. Em português “ Deus escutou o meu pedido”.

**Cunongtot –Tomi:** em língua bissau guineense - *Panu Caba*. Em português significa que já houve muita morte. Os pais deram um grito de Socorro “ Basta a Morte”.

**Adjombi:** em língua Bissau guineense- *i trda pa bim*. Em português “demorou para chagar, mas chegou”.

## 5 PALAVRAS CONCLUDENTES

Este trabalho analisou antropônimos dos guineenses considerando os valores linguísticos-culturais, religiosos, étnicos, visando compreender a identidade guineense. Todo o ser humano precisa ser nomeado para poder se identificar na sociedade em que está inserido. Como afirma Ié (2021), dar nomes próprios a uma pessoa reflete todo um conjunto de valores – que podem estar em âmbito consciente ou inconsciente – pois existem motivações em torno do ato de nomear. Percebe-se que antroponímia na Guiné-Bissau, em cada língua étnica, ou nacional (língua bissau-guineense), tem grande carga semântica, com significados específicos, identifica a nação guineense ou contextos particulares da cada família. Por meio do estudo da antroponímia guineense, é preciso compreender a cultura e a história da Guiné-Bissau.

Na conclusão deste artigo, destacamos a riqueza linguístico-cultural dos prenomes guineenses na materialização de *sentimentos* (como **Biossum**, que expressa o quanto uma mulher está incomodada com comentário maldosos sobre ela), de *condições sociais* (como **Pansau**, que demarca o nascimento de uma criança em situação de desmoronamento da adeia, que caiu em desgraça), de *valores patriarais* (como **Alanã**, que aponta para o desejo de ter um menino e o desapontamento pelo nascimento de uma menina; como **Matcho**, que demarca ser a criança um macho, com todas as expectativas do que caracteriza a macheza), de sopro de *esperança* (como **Banuma**, que aponta a necessidade do nascimento daquela criança), de *descrições das situações referentes ao nascimento de uma criança* (como **M”pilgov**, que descreve uma circunstância do parto – em plena mata, sem qualquer assistência), de *homenagem à criança que nasce* (como **Inuira**, que materializa a *beleza* que a mãe ver no bebê), de *valores religiosos* (como **Mariama** – nome para Maria na religião Mulçumana), de valorização de culturas

estrangeiras (como **Walter** e **João** – respectivamente um reflexo da valoração da cultura anglófona e lusófona).

Espera-se que este presente trabalho contribuirá para o desenvolvimento dos futuros estudos que pretendam aprofundar essa temática. Entendemos que esse trabalho é de grande importância social e acadêmica, pois um dos primeiros trabalhos que toma como objeto de estudo antropônimos guineense, em seus valores linguístico-culturais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. *Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional*. São Paulo: Ateliê, 2018.

MAIA, Joelma. **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUINÉ BISSAU**. In: Revista África(s), v. 03, n. 05, p. 146-156, jan./jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/leiam/Downloads/4040-Texto%20do%20artigo-10729-1-10-20171007.pdf>. Acessado em: 20-07-2022.

MENDES, Arete. *A mediação étnica e a prática religiosa na Guiné-Bissau: a religião tradicional africana e o catolicismo praticada pela etnia mandjaco no setor de calequise a partir da década de 80*. Pag.20. Redenção- CE, 2017.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2020. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/nomes-proprios-de-pessoa-introducao-a-antroponimia-brasileira-1614>.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro*. Alfa, São Paulo, 55 (1): 63-82, 2011.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *As Origens dos Nomes de Pessoas*. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL1-v1n1a2007-9>.

IÉ, Ivo Aloide. *Língua e identidade cultural: um estudo onomástico em Antroponímia do grupo étnico papel da Guiné-Bissau*. São Francisco de conde. 2020.

TOMÁS, Tunga Samuel. *Antroponímia: contributo para o estudo dos nomes próprios em Angola*. Ed: Évora, 2019. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/26297>.

INE. Guiné-Bissau – *Censu. Recenseamento geral da população e habitação Guiné-Bissau: III RGPH/2009.* Disponível em: <https://dataspace.princeton.edu/bitstream/88435/dsp01w6634600z/1/DSPACEGuineaBissaucensus2008.pdf>.

INE – Guiné-Bissau. **Ministério da economia plano e integração regional.** 2020.  
Disponível em: <https://www.stat-guinebissau.com/>.